

Sasha Marianna Salzmänn

FORA DE SI

Traduzido do alemão por Paulo Rêgo

Romance



D. QUIXOTE

O tempo passa e torna a passar. Anda para a frente e para trás e leva-nos consigo, e ninguém no mundo inteiro sabe dele mais do que isto: leva-nos através de um elemento que não entendemos, para um outro de que não nos iremos recordar. Mas algo recorda – podemos até dizer que algo se vinga: a armadilha do nosso século, o tema que agora temos diante de nós.

JAMES BALDWIN, *NO NAME IN THE STREET*

Personagens¹

Anton

Álissa, Áli – irmã, irmão, eu

Valentina, Valia – mãe, mamã, mã e tudo

Konstantin, Kostia – pai, qualquer coisa do género

Daniil, Dania – pai, avô

Emma, Emmotchka – avó, por vezes mãe

Chura, Sacha, Alexander – bisavô, avô, pai, herói do Exército Vermelho

Etia, Etina, Etinka – mãe, avó, bisavó, superheroína

Katho, Katharina, Katiucha – dançarino, lançador múltiplo de foguetes

Aglaja – sereia

Cemal, Cemo, Cemal Bey – o tio

Elyas – o amigo

E todos os outros pais e os pais dos pais em Odessa, Chervnivtsi, Moscovo, Istambul, Berlim

Ingeborg Bachmann escreve:

«Só em relação às indicações temporais é que tive de refletir mais demoradamente, pois é-me quase impossível dizer “hoje”, isto apesar de todos os dias se dizer “hoje”...»

O tempo é, pois, um hoje, desde há mais de uma centena de anos até agora.

PRIMEIRA PARTE

«para casa»

Não faço ideia para onde vamos, todos os outros o sabem, eu não. Seguro junto ao peito o frasco de doce que me entregaram, abraço-o como se fosse a minha última boneca, e fico a vê-los correrem uns atrás dos outros pelo apartamento. As mãos do papá brilham de suor, parecem pratos por lavar, são grandes, reparo, quando oscilam junto à minha cabeça. Calhasse eu meter a cabeça diante de uma delas e *pás*, ficaria achatada.

O meu irmão cresce de dentro da sua mala como se fosse um caule, está de pé com ambas as pernas lá dentro e atira coisas para fora, a mamã ralha, e então volta a pô-las na mala. Quando a mamã já se encontra na cozinha, ele vai buscar a embalagem com o navio dos piratas e esconde-a bem, debaixo da cama. A mamã aparece no corredor, onde estou, inclina-se na minha direção, e a sua testa, todo um céu, pende sobre mim, como um sino. Solto uma das mãos da bonecafrascodedoce e passo o dedo pelo rosto da mamã. O céu está engordurado, a mamã enxota-me com a sua mão e entrega-me ainda mais frascos de doce e latas de conserva, pego nisso tudo e já nem consigo ver mais nada. Pousa-me uma mala diante dos pés, diz «Têm de comer alguma coisa de jeito durante a viagem, ficas tu com a mala dos víveres», não faço ideia do que isso quer dizer, mas fico contente por

ser qualquer coisa doce, em vez de frango embrulhado em papel de alumínio.

Descemos as escadas, e isso demora algum tempo. Moramos no último andar, as divisões têm muitas traves e os tetos são inclinados, lá em baixo há uma agência funerária, cheira sempre mal, não é a cadáveres, mas a qualquer coisa que desconheço e a que não me consigo habituar. Quando arrasto a mala pelos degraus abaixo, os frascos batem uns contra os outros e o papá quer tirar-me das mãos, mas eis que o vizinho do andar de baixo abre a porta.

– Vão para casa?

– Visitar pai, mãe, não vemos, muito tempo.

– É a primeira vez que regressam? – O papá acena com a cabeça. – A primeira vez não se esquece.

O papá responde ao vizinho como se estivesse a contar-lhe uma história para adormecer, usa uma entoação nas palavras que faz a voz subir de tom no fim da frase. O meu irmão já por ali passou, antes de mim, continuo a puxar a mala com cuidado, passo junto do papá e tento seguir atrás do meu irmão, cheira mal e está frio. Lá em baixo, por detrás da montra da agência funerária, há pessoas. Tenho medo dos rostos que ali estão, atrás do vidro, de pessoas sentadas no escritório, tenho medo de que estejam verdes e mortas, por isso até chegar à rua nunca olho para lá, olho antes para o chão à procura dos pés do meu irmão. O papá sai do prédio e puxa-me pela mão, só olho para cima quando julgo que a mamã estará a fazer adeus, e está mesmo, estende brevemente a mão do lado de fora da janela, e depois a janela volta a fechar-se, e o papá começa a cantar.

Пора, пора порадуемся на своём веку – É altura de nos alegrarmos enquanto por cá andamos.

Sem tempo

Os ladrilhos dos lavabos do Aeroporto de Atatürk refrescaram a têmpera esquerda de Áli. A imagem diante dos seus olhos não ficou mais nítida, na abertura entre a cabina e o chão os saltos dos sapatos assumiam o aspeto indistinto de paus de carvão, garatujavam o ar a negro, arranhavam o chão de passagem, ela ouvia vozes, em língua nenhuma, tudo confuso, mensagens anunciadas que ressoavam. Áli distinguiu um gosto de frango. Ainda que não o tivesse comido durante o voo, não o comia há anos, tinha uma ave dessas, apodrecida, atravessada na garganta. Já ali tinha estado antes. Assim, tal e qual. Já antes estivera deitada no chão, assim, precisamente, com uma ave morta atravessada na garganta e atacadores a rastejarem até junto de si, como se fossem insetos. Mas quando? Quando fora isso?

Sentia os olhos secos do voo, as pálpebras arranhavam ao deslizar sobre os globos oculares, insuficiência crónica de líquido lacrimal, eis o diagnóstico que os médicos lhe haviam feito há muito.

– E que devo eu fazer, pôr gotas?

– Basta pestanejar quando doer ou sentir ardor, basta pestanejar com frequência, isso estimula a produção do líquido.

Só que não servia de nada. Respirou devagar, pôs-se à escuta. Lá fora, os saltos de agulha e as solas moles de borra-

cha marcavam o ritmo, toda a gente tinha pressa, pressa de sair dali, da área do terminal, daquele não-ar, havia gente à espera após as longas horas de voo, era ir num instante aos lavabos, disfarçar com maquilhagem as olheiras, humedecer os lábios, pentear o cabelo e depois saltar para os braços de quem se tem à espera, como quem salta para dentro de água quente.

Áli não fazia a mínima ideia se haveria alguém à sua espera, esperava que sim, mas não tinha a certeza. Estava deitada no chão e pestanejava como uma mosca a bater as asas. Queria fumar, urgentemente, para fazer desaparecer do palato o sabor da gordura ressumada, gelatinosa, foi esse o desejo que a agarrou pelos colarinhos, a fez levantar-se e sair da cabina. Apoiou-se no lavatório, evitou olhar-se ao espelho, aproximou os lábios do jato de água, uma mulher tocou-a ao de leve e deu-lhe a entender que não deveria beber aquela água, oferecendo-lhe de seguida uma garrafa de plástico que trazia consigo. Áli encostou os lábios ao gargalo estreito da garrafa e bebeu sem gorgolejar, a mulher recebeu a garrafa de volta, já vazia, e deslizou os dedos pelos caracóis dela, como que a penteá-la. Depois percorreu com o polegar a fina camada de pele sob os olhos dela e o queixo pontiagudo, segurando-o por breves instantes. Áli sorriu, a mulher também. De seguida, com passos vagarosos, saíram para o terminal, Áli imitou a mulher, seguiu os outros que sabiam para onde iam, caminhou ao lado da passadeira rolante, sobre a qual as pessoas avançavam aos encontrões, seguiu os ruídos que ecoavam no chão de mármore, assumiu o seu lugar numa fila de espera diante do controlo dos passaportes, impacientou-se, quis empurrar as pessoas na fila, mas manteve-se firme, já só lhe restando olhar para a esquerda e para a direita. A sua cabeça girava de um lado para o outro. Estava o mundo inteiro

ali, naquela fila. Minissaias, *burkas*, bigodes de todas as cores e feitiços, óculos de sol dos mais variados tamanhos, lábios injetados com silicone de todas as formas, crianças em carrinhos de bebê, crianças às cavalitas, aos ombros, entre as pernas, a multidão mantinha Áli cercada, de modo que nem cair podia. Uma criança pequena encostou-se à parede de acrílico, houve um painel que se soltou com estrondo, a menina desatou a berrar. A mãe avançou por entre a multidão aos empurrões até junto dela e abanou-a energicamente.

Áli voltou a sentir um nítido sabor a frango no fundo da goela e remexeu tudo em busca do passaporte.

O funcionário deteve-se longamente a fitar o que Áli acreditava ser a sua fotografia, a seguir ergueu o olhar na direção dela e de novo para o seu documento de identificação, uma e outra vez, como se de cada uma conseguisse olhar ainda mais profundamente, era um homem jovem, mais jovem que Áli, mas já com ombros como os velhos os têm, ossudos e rígidos. Vestido com uma camisa azul-clara que o seu peito magro não preenchia por completo, distante do guichê onde estava sentado, distante do aeroporto, distante do seu país, parecia perscrutar o manto terrestre, de onde regressava para voltar a olhar para o rosto de Áli. Como por reflexo, ela passou a mão pelo queixo, não tinha tido de vomitar, ou tivera, agora já não tinha a certeza, teria alguma coisa no queixo, tinha a sensação de que ainda ali estaria pendurado algum pedaço de frango vomitado, aplicou todas as suas energias a fazer subir os cantos da boca, que foram acompanhados pela sobrancelha esquerda.

O rapaz do outro lado do vidro fixou-se nela, levantou-se da cadeira e saiu da cabina por trás. Áli apoiou-se no parapeito diante do painel de vidro e, com os seus olhos arranhados,

ficou a vê-lo mostrar o seu passaporte a um colega, a apontar para ele com o dedo, a abanar a cabeça, a regressar para junto dela e a dizer qualquer coisa que ela não percebeu, embora soubesse quais eram as dúvidas dele. Se ela era ela. Já não tinha o mesmo aspeto de quando tirara a fotografia, o cabelo fora cortado e, além disso, havia outros traços que se tinham alterado no seu rosto. Toda a gente o dizia, mesmo a sua mãe admitia já não conseguir reconhecê-la em fotografias, mas que queria afinal isso dizer?... O outro funcionário entrou na cabina e fez a Áli as perguntas habituais. Áli mentiu para não confundir ainda mais os dois homens, disse que ia visitar um amigo, o costume.

– Quanto tempo?

– Não sei.

– Não pode ficar mais de três meses.

– Eu sei.

– Primeira vez?

– Há algum problema com o meu passaporte?

– A mulher da imagem é parecida contigo.

– Isso é porque essa mulher sou eu.

– Sim, mas também poderia ser diferente.

– Poderia ser como?

– Poderia ser um passaporte comprado e tu...

– E eu?

– Neste país temos um problema com importações da Rússia. Mulheres, quero eu dizer. Mulheres importadas da Rússia.

Áli abriu a boca e quis dizer qualquer coisa como «Mas eu venho de Berlim!», ou então «Mas tenho ar disso?», só que em vez de lhe sair uma dessas frases foi acometida por um ataque de riso, que tentou reprimir; o riso, porém, saiu-lhe disparado e voou de encontro ao painel de vidro, atrás deste

os dois funcionários, que a observavam com ar enojado. Áli pressionou a mão contra a boca, a mala caiu-lhe em cima dos pés, olhou para baixo e depois novamente para cima, olhou em redor, toda a fila de gente à espera, todas as minissaias e óculos e bigodes se viraram na direção dela e desataram a cochichar. Os funcionários aguardaram até Áli se ter recomposto e a sua cara, já vermelha, apresentar uma expressão séria, os olhos húmidos de rir até às lágrimas, ela olhou para os rostos confundidos dos dois homens e tentou parar de sorrir.

– Haverá alguma maneira de eu provar que não sou uma pega russa? – perguntou ela.

Os dois funcionários fitaram-na como se fossem um só, perscrutaram-na como se a trespassassem com o olhar, e então um deles ergueu a mão, bateu três vezes na mesa com um carimbo, sem nunca deixar de olhar para ela, ouviu-se um qualquer aviso sonoro, ela pegou na mala e empurrou a porta impetuosamente.

O tio Cemal estava mesmo à frente, diante da multidão que aguardava e se curvava, quais palmeiras, sobre a barreira que delimitava o espaço. Era evidente que havia disputado aquele lugar, cravando os cotovelos nas costelas dos homens à sua volta, tinham isso estampado nos rostos, e agora, ao ver Áli chegar e atravessar a porta do terminal, pôs os braços no ar, desferindo um golpe no queixo de um homenzinho cujo bigode lhe ocupava metade da cara. O homem cambaleou, mas no meio daquele denso ajuntamento nem conseguiu cair, Cemal lançou um breve olhar irritado para aquele bigode que gritava e depois voltou-se de novo para Áli, sorriu radiante e apontou com o dedo indicador para o lado, para que ela saísse do terminal pela esquerda, onde ele estaria à sua espera.

Cemal, Cemo ou Cemal Bey era o tio de Elyas, com quem ela por assim dizer crescera ou, melhor, coalescera; por isso, Cemal era também seu tio, ainda que esta fosse a primeira vez que o visse. Elyas nunca antes lhe falara do tio, mas quando Áli disse que viajaria para Istambul, passou-lhe o número de telefone dele para a mão e disse-lhe que Cemal iria buscá-la ao aeroporto. E assim fora. Abraçou-a, como se não tivesse feito outra coisa a vida inteira, pegou na mala dela, saíram e detiveram-se diante da porta a enrolar cigarros. Áli não revelou a Cemal porque demorara tanto tempo a chegar ali, não lhe disse que se fechara na cabina dos lavabos, que pousara a cabeça nos ladrilhos, que a sua circulação fora incapaz de acompanhar o ritmo veloz a que tudo se passava fora da sua caixa torácica, não é coisa que se conte em jeito de cumprimento, o que se faz é partilhar um cigarro, como fazem os velhos amigos, e a partir desse momento é isso mesmo que se é.

À primeira passa que puxou do cigarro enrolado, Áli voltou a cair para o lado. Cemal levou-a até ao táxi e depois subiu com ela até ao seu apartamento. Foi no sofá de Cemal que Áli acordou, numa divisão revestida a ladrilhos azuis com nada além de uma televisão tremeluzente e emudecida, fixada à parede, e uma secretária pesada diante da janela, a hera parecia crescer a partir do exterior e invadir a sala. Tinha a sensação de ter dormido anos a fio. Cemal estava sentado diante do televisor, a fumar, as mãos pousadas nas coxas, eram muitas as curvas da sua silhueta, ia movendo ligeiramente o queixo, como se estivesse a falar de boca fechada. A cinza do cigarro caía no chão, junto ao seu sapato. Tinha um rosto largo, mais largo do que a cabeça, que se expandia em todas as direções, o nariz projetava-se para a frente, os olhos também, possuía uma densa fileira de longas pestanas,

que se curvavam e elevavam rumo à testa. Áli olhou para ele e pensou que nunca mais iria a lado nenhum.

Cemal levantou-se, foi buscar çay fumegante à cozinha, estendeu-lhe um copo bojudo e apontou para a mesa junto à janela.

– Estão ali as chaves do teu apartamento. Mas não te sintas obrigada a ir. Também podes ficar aqui.

No dia seguinte Cemal mostrou-lhe o apartamento, e foi então que ela se apaixonou. Sobretudo pelo pequeno telhado, ao qual tinha acesso pelo terraço e de onde se podia ver todo o Corno de Ouro até Kasımpaşa. Apaixonou-se pelas divisões angulosas e pela rua íngreme diante da casa, onde até a caminhar se escorregava.

Mais que isso, Áli apaixonou-se pelas noites vazias, em que se punha a fumar ao desafio com o tio Cemal no escritório dele, até a pieira na garganta se tornar audível, até os olhos se lhes fecharem, até ambos caírem das cadeiras, continuando ainda assim a conversar. Antes desses serões, Áli ia passear, vagueava em redor da casa de Cemal até ficar cansada, batia ao de leve à porta, deitava-se no sofá e ia-se acostumando à ideia de dormir ali enquanto observava álbuns de fotografias e ouvia as intermináveis histórias de Cemal; acordava a meio da noite, de olhos vermelhos, punha-se à procura dos sapatos no corredor e ficava à espera de que Cemal viesse tirá-los da mão.

– Aonde queres tu ir? Não vais agora para casa, é demasiado tarde.

– Sim, vou, ainda posso ir.

– Sim, tu podes ir, mas os outros podem ainda melhor e mais depressa que tu. Não vais querer ir a correr o tempo todo até Tarlabası.

Voltavam depois a sentar-se, fumavam e falavam, diziam fosse o que fosse só para ouvirem as vozes um do outro.

Desde que ela viera para Istambul que ouvia dizer como Tarlabası era uma zona perigosa, para uma mulher jovem e de resto para qualquer um, «com todos os ciganos e curdos e travestis, e o mundo inteiro é mau, sabes isso perfeitamente».

– Sim, eu sei, o mundo inteiro é mau, mas não em Tarlabası.

– Dorme aqui, *kuşum*². Vou buscar-te um cobertor.

E na maioria das vezes Áli ficava, nem mesmo as babas vermelhas nos pulsos e debaixo do queixo conseguiam demovê-la.

Havia quem procurasse a velha Istambul nas mesquitas e nos *ferries* que ligavam a Europa à Ásia, compravam nostalgia em forma de plástico no bazar e exibiam-na junto aos seus pedaços do Muro de Berlim nas vitrinas de São Francisco, Moscovo e Riade. Áli encontrava a sua Istambul no sofá cor de ferrugem da sala do tio Cemal, com os percevejos nas almofadas, que por volta das quatro da manhã começavam a sugar-lhe o sangue, estando despachados dessa tarefa por volta das cinco. Pelas oito ela acordava, com pontinhos vermelhos nos antebraços e no rosto que iam ficando progressivamente maiores e lhe causavam cada vez mais comichão, e quando perguntava a Cemal, este dizia que era da água.

– Estes canos velhos, tenho de fazer alguma coisa em relação a isso, a água sai castanha, eu bem sei.

Quanto aos percevejos, não havia nada disso, impossível...

Áli pulverizou todo o seu apartamento na Aynalı Çeşme com um inseticida que comprou na farmácia, foi para o terraço e pôs-se a fumar, na esperança de que o livro de Veteranyi³ que estava a ler naquele momento só terminasse

quando todos os percevejos já estivessem mortos. Depois de ter a certeza de que bicho nenhum teria sobrevivido ao ataque e não ficaria com mais babas, voltou a visitar o tio Cemal, dormiu no sofá e levou novamente os pequenos bichos consigo, nos cabelos e na roupa, para a Aynalı Çeşme.

Hoje tudo era indiferente para Áli. Deitou-se sobre a almofada do sofá, tentou tanto quanto possível mergulhar nas profundezas deste, e deu a saber aos percevejos que poderiam sugá-la até ao tutano, não deixando que nada sobrasse. Eles que a devorassem e distribuíssem aos bocadinhos por toda a cidade. Assim, podia deixar-se simplesmente ficar ali, nada mais teria de fazer, não precisaria mais de se mexer e desapareceria por entre as almofadas do sofá, qual biscoito já mole. Tinha os olhos arregalados, doíam-lhe de tão secos que estavam. Ia pestanejando de vez em quando, para limpar a película de pó que se formava. Mas de nada valia, este voltava sempre, caía do teto, brotava do aparelho de ar condicionado e descia sobre ela, rodopiava em pequenas nuvens diante da sua boca.

Anton não daria notícias. Era provável que nem sequer estivesse na cidade. Os prognósticos apontavam para que muito em breve viesse a ocorrer uma calamidade na Turquia, Yılmaz Güney⁴ morreria havia muito, e o tio Cemal ergueu-se, contornou a secretária e contou-lhe a história do costume. A da mulher de Yılmaz Güney e do procurador do Ministério Público que a ofendera e a quem o marido acabara por dar um tiro no olho direito. E ele, Cemal, estivera lá. Não, não estivera presente, mas defendera-o em tribunal, quando era ainda um advogado famoso. Também defendera Öcalan⁵, não, queria tê-lo defendido, mas a coisa nunca chegara efetivamente a acontecer, e há meio ano que

nada se sabia de Öcalan, ele que sempre se proclamara um profeta da resistência, o que podia querer dizer que morreria na prisão e, se assim fosse, então não tardaria a rebentar uma guerra civil no país, na verdade até já estava a acontecer, só que chegaria entretanto às cidades, às grandes cidades, e daí para todo o mundo, mas nessa altura, até nessa altura, ele mesmo, Cemal, não iria desistir. Tudo isso relatou ele a Áli, ou antes a si próprio, enquanto se ocupava a limpar o pó com a mão, como se não houvesse mais do que umas inofensivas bolas de algodão. Ela mal o ouvia, observava-o enquanto este se movimentava apressadamente através do apartamento e tinha a sensação de que ele era um pião que girava sobre os ladrilhos e que, ao fazê-lo, ia embatendo nas pernas das mesas. Os seus rodopios suscitavam nela o riso e, não fosse ele tão rápido, Áli teria gostado de pôr os seus braços à volta dele, mas tal não era possível, por isso deixava-o falar. Falava sem cessar acerca de si mesmo, contava a história da própria vida com variações.

Viera ao mundo há setenta ou setenta e dois anos em Istambul, concretamente em Zeytinburnu, um bairro que fora construído sobre areia e que viria abaixo de uma próxima vez que, entre as placas tectónicas, a terra tremesse; a sua mãe, com noventa anos de idade, ainda lá vivia. Cemal era o penúltimo de oito irmãos, moravam todos numa única divisão coberta com um telhado de chapa ondulada, dormiam todos no chão, ao lado uns dos outros, tomavam todos banho na mesma água, ele era o segundo a usá-la, seguindo-se depois o terceiro mais novo e por aí adiante, o pai já só se lavava numa sopa castanho-acinzentada. Cemal nunca viu em que condições a sua mãe se lavava.

Cemal foi o primeiro da família a frequentar o ensino superior e também o primeiro a chegar a casa de fato completo, o que o tornou um alvo de troça por parte dos irmãos.

Defendeu pessoas importantes em tribunal, ele mesmo foi preso várias vezes, havendo muitas e variadas versões em relação a quando e em que circunstâncias tal sucedera. Porém, todas elas terminavam com Cemal a regressar, após oito meses de prisão, para junto da mãe, que estava sentada à mesa da cozinha com a cabeça coberta por um véu, isto apesar de terem passado cinquenta anos desde que ela o usara pela última vez; envolveram-se numa tal disputa a propósito da vida de Cemal que este nunca mais a visitou, tanto que ela não conheceu nenhuma das suas duas mulheres. Por vezes ele falava de três casamentos, mas no fim de contas a história era sempre a mesma: elas gostavam dele, mas ele tinha de trabalhar.

Por vezes Cemal fazia menção de começar a relatar algo a respeito do pai, mas nunca passava da fase em que afastava os lábios grandes e gretados, inspirava, a língua percorria-lhe as paredes interiores das bochechas e humedecia-lhe os cantos da boca, e nada mais acontecia. Nem Áli perguntava fosse o que fosse a esse respeito.

Nos últimos anos era cada vez mais raro Cemal deixar o apartamento que era também o seu escritório, o seu *hamam*⁶ e sabe-se lá mais o quê, e para que haveria de fazê-lo? Orhan, o miúdo da loja lá de baixo, entregava-lhe no primeiro andar o que precisava – leite, cigarros, carne –, a hera diante da janela protegia-o do sol, assim podia acreditar ainda em certas coisas e não era obrigado a constatar que em redor do seu escritório tinham aberto cafés cujas ementas já só estavam em inglês, referindo o *wi-fi* à borla, e que até Oğuz, o vendedor de hortaliças, dali se fora, seu amigo há quarenta e dois anos que vendia pêssegos do tamanho de luvas de boxe numa portinha entre o escritório de Cemal e o talho. Cemal desconhecia porque este não dizia fosse o que fosse

há uma eternidade, não sabia que Oğuz era agora vendedor ambulante na Praça Taksim, vendendo aos turistas apitos coloridos que imitavam o chilreio de pássaros. Cemal também não sabia que no prédio ao lado abria o Hotel Zurich, que as ruas haviam sido invadidas por hordas de turistas que gostavam de comprar o seu samovar na loja da Madame Coco, na esquina, para depois o usarem em suas casas, e que na loja lá de baixo, onde o pequeno Orhan ajudava o pai já idoso, as coisas não corriam nada bem e era provável que também esses não tardassem a mudar-se dali, sendo depois pintado na vitrina mais um símbolo de *wi-fi*. Por que razão haveria Cemal de sair para este mundo, quando em sua casa ainda havia o velho sofá, o chão de ladrilhos pretos e brancos e as paredes com azulejos azul-turquesa?

Cemal precisava de algo em que pudesse acreditar. Acreditava no Partido Democrático dos Povos⁷, em Marx, em mulheres jovens que uma vez por mês apareciam em sua casa e que, a chorar e a rir, exigiam dinheiro. Acreditava no amor e acreditava também que Áli iria reencontrar Anton numa cidade com quase quinze milhões de habitantes sem dele ter o mais pequeno sinal, sem sequer saber se alguma vez ele teria realmente estado ali, pois, lá porque fora enviado um postal de Istambul, isso nada queria dizer de concreto.

Estivera com Áli em esquadras da Polícia, onde tinham afixado anúncios do desaparecimento de Anton, e numa dessas esquadras reencontrara um velho colega da escola, que frequentara uma turma alguns anos abaixo da sua, que era uma ou duas cabeças mais baixo do que ele e que no pátio da escola gozara da proteção de Cemal. No decurso do reencontro, que demorou horas e em que se beijaram, abraçaram e beberam chá, Cemal estava sempre a apontar para Áli com a palma da mão estendida:

– Tal qual ela, o aspeto dele é tal qual ela!

O colega de escola examinou Áli dos pés à cabeça, os seus caracóis castanhos e curtos, que ela não penteava e que ficavam embaraçados nas pontas, erguendo-se no ar como o vértice de um triângulo, a pele fina e com um brilho azulado sob os olhos redondos, os braços pendendo; abraçou Cemal, beijou-o novamente à esquerda e à direita e disse-lhe que não havia quaisquer perspectivas de sucesso, a menos que Deus ou o destino assim o quisessem, os dois homens soltaram então um suspiro e acenderam os respetivos cigarros. Áli imitou-os, sem sequer fazer ideia do que teriam estado a dizer, e Cemal convenceu-a de que, de uma maneira ou de outra, tudo se resolveria.

E por tudo aquilo em que Cemal acreditava, e pelo facto de a ter levantado do chão do Aeroporto de Atatürk como se fosse uma criança, ela jamais o abandonaria, tinha a certeza. Era nisso que pensava enquanto ele andava nervosa e desajeitadamente pela sala, aos tropeções, como se quisesse pôr em ordem os três objetos que ali havia.

Áli pensou que a razão para ele estar irrequieto fosse o facto de não ter *rakı* em casa ou a calamidade que não tardaria a ocorrer naquele país e da qual Cemal jamais parava de falar:

– Não tarda que aconteça algo neste país, não tarda nada. E não será nada de bom.

Afinal de contas, isso poderia dizer-se sobre tudo. De seguida mudava de tom, acrescentando que as pessoas eram más, mas que valia sempre a pena conhecê-las, e que em todo o caso teríamos desilusões, mas precisamente por isso deveríamos lutar por elas. Cemal contradizia-se de modo ininterrupto nas árias em que cantava um mundo melhor que estava para vir, embora naquele momento tudo fosse por água abai-

xo. Cemal acreditava que as pessoas regressam para alguém por amarem esse alguém.

Recentemente andava a deixar-se enganar por uma mulher da idade de Áli e teimava que as intenções dela eram sérias, só que naquele preciso momento estava mesmo a precisar de dinheiro, de tempo, de sossego, dos seus caprichos, das suas viagens, de outras experiências.

– Ela ainda é jovem.

E de nada servia o muito que Áli insistia e tentava deixar claro para Cemal que o que a jovem mulher com ele fazia podia ter muitos nomes, mas amor não era decerto um deles. Nada havia que fizesse Cemal desistir da crença em algo que Áli nem sequer conseguia descrever por palavras. Não conseguia entender o que fazia com que Cemal acreditasse nessa história, mas achava bonito assistir ao modo como o velho homem adquiria novo vigor naquelas suas mágoas, como sempre olhava furtivamente de soslaio para o telefone verde sobre a mesa, um daqueles antigos com fio, pois Cemal tinha um pendor para as coisas antiquadas, pensava que isso o tornava mais atraente, mesmo que o seu cabelo já tivesse quase por completo caído, e Áli achava bonito ver como o coração dele acelerava quando o telefone tocava e quebrado ficava quando do outro lado da linha não era a pequena por quem ele perdia o sono. Nunca era ela. Ainda assim, a expectativa de que fosse proporcionava-lhe felicidade. Deixava-o irrequieto. Uma boa razão para se sentir irrequieto, talvez mesmo a melhor, pensava Áli.

Na fotografia de ambos – que Cemal tratava de mostrar a Áli quase todas as noites, até esta lhe ter pedido para parar de fazê-lo –, a lambisgoia de cabelos ruivos pendurada nos ombros de Cemal quase não tinha nariz, apenas um traço estreito com abas pequenas e escuras, e sardas por todo o

lado, como se um morango tivesse rebentado no seu rosto. A boca não possuía quaisquer contornos, era enorme e torta, sorrindo para a câmara. Cemal, com a mão à roda da cintura dela, o peito inchado, adotara um ar sério. Os cabelos ruivos da jovem, que pareciam ter, sob o efeito do calor, recebido uma descarga elétrica, apontavam em todas as direções, sobretudo na do rosto de Cemal. Áli era capaz de perceber a nostalgia deste, o desejo de mergulhar naqueles cabelos, e disse-lho, mas Cemal tratou de mudar de assunto, pondo-se a falar das eleições naquele país que estava à beira de uma guerra civil, e de seguida do facto de não haver *rakı* suficiente lá em casa.

Hoje a incerteza patente nos seus movimentos era outra. Talvez fossem os atrasos na mudança da hora, pensou Áli, a suspensão do tempo entre as eleições, o que significava que não se podia confiar nem na Lua nem nos planetas, nem quando era noite, nem quando era dia. Era o primeiro-ministro quem agora determinava que horas eram.⁸ Talvez Cemal sentisse que o tempo andava destrambelhado e que o seu tabaco de mascar não o livraria do facto de nada voltar a ficar bem, nem com a Turquia, nem com a ruiva. Cemal cuspiu, como se um mosquito lhe tivesse entrado na boca. De seguida, essa breve consciência de ter perdido alguma coisa iluminou o seu rosto, espalhou-se nele como uma vermelhidão e, quando desapareceu, ele desatou a falar alto, pôs-se a empurrar a cadeira de uma parede para a outra e a ralhar com Áli.

– Tu tens medo, *kuşum*. Medo de acreditar no bem. Assim, onde vais tu acabar? Como queres afinal viver?

– Boa pergunta.

Embora a serigaita de trinta anos estivesse provavelmente naquele preciso instante a passar um belo fim de semana em

Antália com outro qualquer e as eleições fossem decorrer tal e qual como todos recebavam, Cemal via-se animado por um vincado espírito combativo:

– Depois do atentado em Ancara, vamos ficar ainda mais fortes...

Aquele atentado em Ancara. Áli vira uma e outra vez as imagens das explosões, como se o disco do tempo estivesse riscado, lera os rodapés com notícias de última hora que corriam no ecrã do seu computador portátil, vira o telefone a piscar: os amigos que, um após o outro, lhe telefonavam, a chamada da sua mãe, que exigia que ela regressasse imediatamente a casa.

– Estás a pensar ficar por aí, qual é a tua intenção?

A mãe, que tentava não desatar a gritar.

– Estou em Istambul, mamã. Não estou em Ancara – respondera Áli. – Assim que o encontre, volto para aí.

E, quando os atentados chegaram a Istambul, ela sentiu o efeito da detonação em Tarlabaşı e não atendeu o telefone até serem divulgados os nomes das vítimas. Susteve a respiração até ter a certeza de que o nome de Anton não se encontrava na lista. De seguida cerrou os maxilares por se ter dado conta de que, secretamente, tivera esperança de que o nome dele ali figurasse. Assim, tê-lo-ia pelo menos encontrado, a sua busca teria chegado ao fim. Quando a tensão dos músculos do maxilar aliviou e pôde voltar a abrir a boca, devolveu a chamada à mãe, que desta vez nem sequer se esforçou por se controlar. Áli também não.

Quando, ao correr à toa de um lado para o outro no apartamento, Cemal embateu pela terceira vez no sofá onde Áli estava deitada, esta bradou:

– Para que andas tu por aí aos saltos, não te queres sentar aqui ao meu lado? Vá, anda, vamos ver as fotos de Ara.